



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**DESENVOLVIMENTO DA COORDENAÇÃO DO  
MOVIMENTO DE CORRIDA DE VELOCIDADE  
EM CRIANÇAS DEFICIENTES VISUAIS, DE 05 A 10 ANOS  
ATRAVÉS DE JOGOS E BRINCADEIRAS LÚDICAS**

**Monografia apresentada à Faculdade de Educação Física da  
Universidade Estadual de Campinas para conclusão do Curso de  
Especialização em Atividade Motora Adaptada.**

**ORIENTADOR: PROF.DR. JOSÉ JÚLIO GAVIÃO DE  
ALMEIDA**

**CAMPINAS - SP**

**2005**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a todos meus alunos, deficientes visuais, físicos e surdos do Centro Educacional João Fischer Sobrinho e do Centro de Treinamento Limeira Para Olímpico, pois com eles aprendi muito, e por eles me proponho a continuar estudando.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos que direta ou indiretamente me ajudaram a conquistar mais uma etapa da vida, ao Prof. Doutor Júlio Gavião que, atenciosamente, me orientou neste estudo, à minha esposa Patrícia e minha filhinha Mariana, que sempre me apóiam, e souberam entender a minha ausência durante meus estudos, a meu Pai Euclides e minha Mãe Elisabete que ao longo destes anos me educaram com muita paciência e sabedoria, ao meu irmão Leandro, o amigo e companheiro dos momentos difíceis e felizes, e sobretudo a Deus que me dá força e saúde para lutar e vencer os obstáculos da vida.

BREDA, Fabio Leandro. Desenvolvimento da Coordenação do Movimento de Corrida de Velocidade em Crianças Deficientes Visuais, Através de jogos e Brincadeiras Lúdicas 2005. Monografia do Curso de Especialização Atividade Motora Adaptada-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

## **RESUMO**

Após vivenciar algumas experiências com pessoas deficientes visuais, em atividades esportivas, podemos notar certa dificuldade na realização de movimentos básicos, como o movimento de corrida, que é um dos princípios básicos para um bom desenvolvimento motor. Estas dificuldades foram notadas também em diferentes proporções independente de sexo ou faixa etária, deixando bem evidente um melhor desempenho motor de pessoas que vivenciaram um maior numero de experiências. Com base nestas informações, venho através de um estudo bibliográfico, encontrar subsídios para que de forma agradável, utilizando jogos e brincadeiras lúdicas, crianças deficientes visuais de 5 a 10 anos de idade, venham desenvolver as habilidades motoras necessárias para um bom desenvolvimento global, e com isso utilize o período correto para o ganho da velocidade de corrida, podendo assim minimizar problemas futuros, oferecendo condições de um bom desenvolvimento motor, e uma possível participação em eventos esportivos.

**Palavras Chaves:** Desenvolvimento Motor; Crianças; Corrida; Jogos;

**Deficiente Visual**

## **ABSTRACT**

After having performed some experiences with the visually impaired in sports activities, we can notice some difficulties to perform the basic movements, such as running, one of the basic principles to achieve a good motor development. These difficulties were also noticed in different ratio, regardless gender or age, showing a better motor performance from people who had had a greater number of experiences. Based upon these information, I here present, through a bibliography study, subsidies to develop the necessary motor skills for a good global development for five to ten years old visually impaired children, in a pleasant way, through playful activities. The objective is that the proper period should be used to increase the speed race, in order to decrease future problems and providing the conditions for a good motor development as well as the possibility of taking part in sports events.

Key words: Motor Coordination; Children; Race; Speed; Games; Visually Impaired.

# SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
1.1. OBJETIVO.....	2
1.2. METODOLOGIA.....	2
<b>2. DESENVOLVIMENTO MOTOR.....</b>	<b>5</b>
2.1. DESENVOLVIMENTO MOTOR DA CRIANÇA DEFICIENTE VISUAL .....	9
<b>3. BENEFÍCIOS DA ATIVIDADE FÍSICA PARA CRIANÇAS .....</b>	<b>14</b>
<b>4. COORDENAÇÃO E MOVIMENTO DE CORRIDA.....</b>	<b>17</b>
<b>5. TREINAMENTO DAS HABILIDADES MOTORAS E DA VELOCIDADE EM CRIANÇAS.....</b>	<b>21</b>
<b>6. O BRINCAR COMO FONTE DE DESENVOLVIMENTO.....</b>	<b>26</b>
<b>7. CONCLUSÕES.....</b>	<b>299</b>
<b>8. DISCUSSÃO.....</b>	<b>322</b>
<b>9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>333</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Com base em situações vivenciadas na instituição João Fischer Sobrinho, que trabalhamos, atendendo pessoas deficientes visuais com idades variadas, e observações feitas em competições, temos observado uma grande diferença nas habilidades motoras e chegamos a constatar que esta diferença segue por motivos de início tardio das atividades que estimulam o desenvolvimento global dos alunos.

A partir destas observações informais, optamos em buscar na literatura, explicações concretas que afirmam sobre a existência de vários fatores na infância que podem trazer uma grande melhora das habilidades motoras.

Sem a visão, a criança tende a apresentar um comprometimento na aprendizagem dos movimentos de corrida, limitando também o processo de desenvolvimento global comprometendo os domínios: motor, cognitivo, afetivo e social.

Buscando soluções para minimizar problemas futuros e aproximar o desenvolvimento da coordenação de corrida de velocidade de uma criança deficiente visual, com uma criança “*com visão normal*”, autores como Rose (2002) e Weineck (1989) afirmam a importância de iniciar logo aos 5 anos de idade atividades que ofereçam o desenvolvimento da velocidade. sabendo da importância de se iniciar tal atividade, em se tratando de crianças, pesquisamos autores como Holle (1976), Lorenzini (2002) e Freire (2002), que nos fala da importância do jogo e da brincadeira no desenvolvimento da criança. E ao se tratar de crianças com necessidades especiais autores como Winick (2004), Freitas (1997), Holle (1976), nos explicaram através de suas bibliografias o desenvolvimento da pessoa com deficiência visual. O que nos levam a agregar importâncias em uma atividade para que de forma adequada, no período correto se consiga obter um desenvolvimento satisfatório.

## **1.1. OBJETIVO**

Estudar a importância de iniciar na infância, um trabalho para que se desenvolva através de jogos e brincadeiras lúdicas uma boa coordenação e em seqüência melhore a velocidade de corrida de crianças deficientes visuais.

## **1.2. METODOLOGIA**

Segundo Thomas e Nelson (2002), este estudo tem como objetivo pesquisar através do Método Descritivo Bibliográfico, o Desenvolvimento da coordenação do movimento da corrida de velocidade em crianças com deficiência visual, e utilizar jogos e brincadeiras lúdicas para conseguir com que estas pessoas aproveitem o período correto de estimulações para um bom desenvolvimento motor, oferecendo condições para chegarem na fase da adolescência com o mínimo de atraso possível, se comparado a pessoas com visão normal, podendo assim participar de eventos esportivos e outras atividades.

Em nossa pesquisa citamos Autores como Lorenzine (2002) e Holle (1976), onde explicam toda a seqüência do desenvolvimento motor desde o nascimento até a fase adulta. E na seqüência fazendo uma ligação Duarte & Lima (1998) e Winick (2004) falam sobre o desenvolvimento motor de pessoas com deficiência visual, explicando algumas defasagens proporcionadas pela falta da visão, e a importância que ela exerce como facilitadora na aprendizagem dos movimentos.

Já no capítulo 3, Rose (2002) e Zuhrt (1983), explicam a importância de se realizar exercícios físicos com crianças, visando melhorar a capacidade de performance do corpo,

reduzindo o cansaço e estimulando positivamente o crescimento, e sendo para as crianças fontes de experiências prazerosas a atividade física através de brincadeiras lúdicas e assim conseguir bons resultados tanto para o ganho da velocidade, como para um bom desenvolvimento global.

Ao estudarmos a importância e os benefícios das atividades físicas com crianças, o autor Samulski (1999) explica que a fase dos movimentos especializados se inicia a partir dos sete anos, e segue durante a vida adulta, no entanto a base do desenvolvimento deve ser trabalhada antes dos 7 anos, na fase seguinte dos 7 aos 10 anos, os movimentos são refinados e combinados. Após os 11 anos de idade as experiências motoras adquiridas permitem realizar a aprendizagem e a aplicação em uma modalidade específica, e na 3ª fase que se inicia aos 14 anos, ocorre o aperfeiçoando as habilidades motoras, aumentando a possibilidade de participar de modalidades específicas e competitivas.

Weineck (1989) considera que o aperfeiçoamento do movimento de corrida pode ocorrer dos 5 aos 7 anos, onde ocorre um aumento extraordinário da velocidade. O mesmo autor reforça dizendo que apesar de ser um período importante para o desenvolvimento a criança não deve ser tratada como miniatura do adulto, então o treinamento não deve ser uma redução do treinamento adulto, sendo respeitado a faixa etária e suas fases de desenvolvimento.

Ao se tratar de crianças, sabendo da necessidade de atividades físicas, e a importância de respeitar as fases do desenvolvimento, Lorenzini (2002), em seu estudo fala que a brincadeira é um instrumento que fornece à criança a experiência necessária ao seu desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo e cultural, e completa dizendo que a criança que brinca e que joga torna-se um adulto preparado aprendendo a pensar e agir.

Após pesquisar autores que explicam o desenvolvimento motor, e colocam a importância de estimular a criança “com visão normal” e deficiente visual, constatamos

também na literatura autores que falam da importância da brincadeira como fonte de desenvolvimento. No entanto sendo assim completa-se o objetivo de oferecer estímulos a criança de 5 a 10 anos de idade com o propósito de aproveitar um ótimo período de ganho da coordenação do movimento de velocidade sem desprezar as fases de desenvolvimento.

## 2. DESENVOLVIMENTO MOTOR

Lorenzini (2002), Após anos e anos de evolução, o homem adquiriu habilidades cada vez mais complexas e bem elaboradas, além do desenvolvimento do SNC, podemos classificar como fatores que influenciaram diretamente para esse desenvolvimento, o potencial genético, a influência do ambiente, tanto no aspecto físico como no social, e também a aquisição de conhecimentos, através de vivências ao longo de gerações.

O sistema nervoso está longe de seu desenvolvimento total ao nascimento. Na criança recém-nascida o córtex cerebral (onde se encontram as células nervosas) não tem qualquer influência sobre as regiões inferiores do cérebro, porque a bainha de mielina, ainda não está formada, entretanto, a medula espinhal já se encontra mielinizada ao nascimento, assim tornando possível todos os movimentos do recém-nascido, esses movimentos são de ações reflexas, ou seja, ações involuntárias espontâneas. (HOLLE, 1976)

A criança recém-nascida não consegue diferenciar os movimentos separados, utilizando (movimentos em bloco), movendo os braços, as pernas e o corpo inteiro ao mesmo tempo, à medida que o córtex e a bainha de mielina se desenvolvem é estabelecida a conexão com a medula espinhal, e os movimentos voluntários e dirigidos tornam-se cada vez mais precisos, diminuindo os movimentos em bloco, assim sendo o desenvolvimento motor da criança corresponde ao desenvolvimento do seu sistema nervoso central. (HOLLE, 1976)

A mesma autora, relata que existem quatro etapas no desenvolvimento do movimento:

- MOVIMENTOS REFLEXOS – movimentos que não são controlados pelo cérebro;
- MOVIMENTOS SIMÉTRICOS – movimentos em que o controle cerebral está apenas começando ex: movimentos similares de ambos os braços;
- MOVIMENTOS VOLUNTÁRIOS – motivados, diferenciados;

- MOVIMENTOS AUTOMÁTICOS – movimentos habituais como: andar correr etc.

Segundo Samulski (1999), a criança começa a andar, por volta do 10<sup>o</sup> ao 14<sup>o</sup> mês, sendo que o primeiro passo será acostumar com a postura bípede e depois irá vivenciar o andar com uma sucessão de movimentos desequilibrados.

Samulski (1999) explica que o desenvolvimento motor nada mais é, que as mudanças de comportamentos em relação aos movimentos aprendidos no ciclo da vida, e como estas mudanças são mais evidentes durante a infância, vale a pena ressaltar a importância de identificar o período e a forma correta de aplicar as atividades.

Segundo Boulch (*apud* Lorenzini, 2002), o movimento deve ser entendido como um conjunto, e o desenvolvimento desse movimento obedece a uma programação intensa, que é submetida a uma interação constante com o meio.

Samulski (1999) completa dizendo que o comportamento motor é influenciado por 3 fatores, orgânico, ambiental e de tarefas realizadas, ou seja, não podemos acreditar que os processos neuromaturacionais sejam responsáveis por tudo, e sim seja um princípio para buscar um desenvolvimento através da interação com o meio, com o envolvimento sócio-cultural, e de tarefas realizadas ao longo de seu desenvolvimento.

Frómeta & Takahashi (2004) explica que ao realizarmos um movimento, o ato motor exige com que tenhamos simultaneamente a atenção, memória, a função de sinergia, os intercâmbios fisiológicos, e a vontade de execução.

Rodrigues (*apud* Lorenzini, 2002) considera que a pessoa aprende a se mover, e também se move para aprender, portanto devemos considerar o movimento do ponto de vista, fisiológico, psicológico e sociológico.

Fernandes (1981) relata que os músculos responsáveis pelo movimento, são estimulados de forma selecionada e organizados pelo sistema nervoso central através de impulsos, e para que uma coordenação neuromuscular seja realizada de forma ideal, é necessário que entrem em tensão apenas os músculos responsáveis pelos movimentos a serem realizados.

O mesmo autor, afirma que a coordenação bem trabalhada irá trazer benefícios tanto na área esportiva onde ela é necessária para um bom desenvolvimento, quanto para a vida cotidiana, portanto ela deve ser desenvolvida logo nos primeiros anos de vida, e deve fazer parte dos treinamentos de alto nível, assim como deve fazer parte nos programas de educação física.

Segundo Fernandes (1981), dependendo da relação entre as diferentes massas musculares, a coordenação pode ser classificada em dois tipos:

- **COORDENAÇÃO EXTRAMUSCULAR** que é o tipo de coordenação que intervêm no movimento através de uma relação recíproca entre massas musculares diferentes, o que permite a criança ou adulto a utilizar isoladamente os músculos em um determinado movimento;
- **COORDENAÇÃO INTRAMUSCULAR** que é uma inervação mais econômica, sendo estimuladas apenas fibras necessárias ao trabalho que está sendo realizado.

Segundo Magill (1984), classificar habilidades motoras com base na precisão do movimento envolvido nos leva ao estudo de duas categorias:

Habilidades motoras globais e habilidades motoras finas, as habilidades motoras são caracterizadas pela utilização da grande musculatura para a realização do movimento, não tendo a necessidade de precisão do movimento.

As habilidades motoras finas requerem a capacidade de controlar os músculos pequenos do corpo, a fim de executar com alta precisão movimentos específicos, envolvendo coordenação óculo-manual.

O mesmo autor relata que o movimento exige atenção ou ponto de processamento, essa atenção aparece em qualquer ponto do movimento em que a criança tenha que decidir alguma coisa sobre o mesmo.

Na corrida, o início do movimento exige uma maior atenção, se a criança dirigir sua atenção a outros aspectos que a cerca, o desenvolvimento será pior do que normalmente se poderia esperar.

Weineck (1989), explica que a aprendizagem motora tem uma função importante na interação social, e complementa falando que quem corre mais depressa, é alvo de grande consideração.

## 2.1. DESENVOLVIMENTO MOTOR DA CRIANÇA DEFICIENTE VISUAL

Durante os últimos anos temos aprendido o quanto a visão é importante e significativo para o desenvolvimento normal de uma criança. Entendendo normal como o desenvolvimento que acontece segundo as teorias que discutem sobre o assunto. (ALVES, 1996).

Segundo o mesmo autor, é através da visão que é feito o relacionamento exterior, de modo que qualquer anormalidade nos olhos pode dificultar e atrasar todo o processo de desenvolvimento motor.

Menescal (1994) cita a importância da visão; uma criança deficiente visual não corre naturalmente atrás de uma bola ao ser lançada ao não ser que seja estimulado, da mesma forma os deficientes visuais precisam da estimulação para que seus sentidos (tato, as cinestésias, a audição e o olfato) se desenvolvam buscando uma diminuição na defasagem de capacitação e execução de estímulos.

Duarte & Lima (1998), a visão tem um papel muito importante na motricidade, pois o equilíbrio depende das referências visuais, com a visão pode-se memorizar diferentes imagens e segmentos do corpo, e sua orientação no espaço.

Winnick (2004) afirma que apesar da falta de visão, não se forma nenhuma característica motora ou física, no entanto as poucas experiências vividas por falta de oportunidades de movimentos, principalmente em crianças cegas, poderão ocasionar várias características diferentes.

O mesmo autor, explica que a falta de brincadeiras com os pais, a falta de observar os movimentos, e os exageros dos instintos protetores dos familiares, podem ocasionar problemas futuros na criança, podendo ter como resultado a insegurança, e medo na realização de movimentos novos.

Freitas (1997) comenta que a falta de experiências motoras ocorridas pela falta de visão, ocasiona uma das maiores desvantagens no desenvolvimento da criança deficiente visual, o deficiente visual, apresenta com frequência algumas desvantagens como: equilíbrio falho, locomoção dependente, expressão corporal e facial escassas, coordenação motora deficiente, lateralidade e direcionalidade não estabelecidas, falta de iniciativa para ações motoras e problemas posturais.

Para Freitas (1997) a deficiência visual ocasiona dificuldades na compreensão do esquema corporal, resultando da dificuldade em ter modelos de referência e da falta de estimulação das vivências motoras, sendo necessário possibilitar um maior número de informação sensorial e corporal.

Winnick (2004) explica que os níveis de condicionamento físico, em pessoas com deficiências visuais, são geralmente inferiores aos de pessoas que enxergam, segundo Lieberman & Carron (*apud* Winnick 2004), esse fato pode ser preocupante, sendo que o autor sugere que as pessoas com deficiências visuais precisam de níveis mais altos de condicionamento em relação a pessoas “normais”.

Em relação às características motoras do deficiente visual Mosqueira (2000), afirma que as posturas motoras da pessoa deficiente estão fortemente ligadas ao emocional, ao social, ao ambiente e as estruturas físicas, pois com a falta da visão, torna-se mais difícil manter uma postura correta podendo ocorrer posturas como:

- Marcha com pequena amplitude de passos, elevação pequena dos joelhos, (andar arrastando os pés);
- Ombros ligeiramente voltados para frente, o mesmo acontecendo com a cabeça;
- Em muitos casos o aparecimento de hiperlordose;
- Em outros casos cifose e escoliose;
- Aumento de massa muscular em região de peitoral e dorsal;

- Pouca amplitude de coluna cervical;
- Pouca expressão facial.

Freitas (1997) complementa listando algumas defasagens que aparecem durante o desenvolvimento da pessoa com deficiência visual, essas de maneira mais acentuada na área motora, não pelo déficit anatômico – fisiológico do sistema motor, mas sim pela falta de vivências e experiências motoras:

- imagem corporal;
- esquema corporal;
- esquema sinestésico;
- equilíbrio dinâmico;
- postura;
- mobilidade;
- marcha;
- locomoção;
- expressão corporal;
- expressão facial;
- coordenação motora (mais acentuada na coordenação motora grossa);
- lateralidade;
- direcionalidade;
- inibição voluntária;
- maneirismos;
- resistência física;
- dificuldade de relaxamento;
- tônus muscular;

- maior espaço de tempo entre a prontidão e o movimento inerente;
- flexibilidade articulatória.

O mesmo autor afirma que o desenvolvimento natural dos sentidos intactos da pessoa com deficiência visual são prejudicados pela deficiência no principal órgão dos sentidos (a visão). Diante da caracterização apresentada percebe-se claramente a importância da estimulação precoce e da educação psicomotora da criança deficiente visual.

Esta estimulação precoce, vem com o propósito de oferecer a criança deficiente visual estímulos necessários para seu desenvolvimento, entendendo que com a falta da visão torna-se mais difícil a realização de atividades simples, podendo acumular um atraso motor no futuro .

Ao ser estimulada de forma correta e no período correto serão oferecidas à criança com deficiência visual condições para um bom aproveitamento das fases de desenvolvimento, podendo com isto minimizar problemas futuros.

Holle (1976) afirma que ao se falar de desenvolvimento motor, a visão é representada como o sentido mais importante, uma vez que a maior parte das impressões sensoriais é visual. O olho recebe ondas luminosas que são refratadas pelo cristalino do olho, formando uma imagem sobre a mancha amarela que existe na retina (mácula lútea ou fóvea), e é na fase de estado projetivo, onde ocorre a mobilidade intencional dirigida para o objeto, e onde começam aparecer as diferenças entre uma criança “normal” e uma criança deficiente visual, diferença esta porque os deficientes visuais acumulam experiências diárias sem a percepção visual, dificultando o processo de desenvolvimento coordenativo e global.

Mosqueira (2000), afirma que outro dificultador do desenvolvimento da criança deficiente visual, é a superproteção ou até mesmo o abandono dos pais, resultado da falta de informação, que irá interferir diretamente nos estímulos que a criança recebe.

Apesar de alguns fatores dificultadores do desenvolvimento do deficiente visual, a estimulação precoce que vai de 0 a 3 anos de idade dará condições para que a partir disso, a criança deficiente visual consiga desenvolver habilidades neuromotoras como, correr, e quanto melhor trabalhado inicialmente melhor será a capacidade de assimilação dos movimentos coordenativos.

Segundo Duarte e Werner (1995), a estimulação precoce vem com o objetivo de oferecer atendimento especializado à crianças com deficiência, inclusive visual, respeitando as diferenças individuais, buscando com que essas pessoas tenham um melhor refinamento do desenvolvimento global, para que em seguida já na educação física, tenha capacidade de executar atividades motoras mais complexas e bem coordenadas, podendo trabalhar a resistência à força e a velocidade no momento correto.

Duarte e Lima (2003) explicam que ao estimular crianças cegas ou com baixa visão, devemos em quanto educadores buscar subsídios para promover um desenvolvimento harmonioso, oferecendo estímulos para compensar suas necessidades. As informações para a execução de uma determinada brincadeira ou jogo deverá ser feita de forma auditivas ou táteis, podendo utilizar recursos sonoros como palmas para a execução de uma corrida, e de estímulos táteis para uma possível correção de movimentos.

Nós como educadores, e profissionais da área de atividade motora adaptada para deficientes visuais, devemos nos atentar para que de acordo com o nível de experiência motora do aluno, seja oferecida atividade adaptada a cada necessidade, cuidando também para que não haja excesso de informações, podendo dificultar a assimilação dos exercícios, assim como desrespeitar o limite e as fases de desenvolvimento de cada criança.

### **3. BENEFÍCIOS DA ATIVIDADE FÍSICA PARA CRIANÇAS**

Samulski (1999) explica que atualmente as crianças são colocadas muito cedo em ambientes escolares, seguindo até os 7 anos quando iniciará a primeira série do ensino fundamental. No entanto é comum observar a ausência de aulas de educação física neste período, o que é lamentável, apesar da criança ter condições de desenvolver os movimentos rudimentares sozinhas, fatores como oportunidade, motivação e orientação acabam fazendo falta ao saber da importância de utilizar brincadeiras e jogos lúdicos para auxiliar no desenvolvimento dos movimentos rudimentares e fundamentais.

Rose Jr. (2002) diz que a prática regular de exercícios promove efeitos fisiológicos distintos tanto na puberdade quanto ao longo da vida, o que deve ser observado é a forma em que se utiliza o exercício físico, para que possamos beneficiar jovens e adultos com sua prática.

O mesmo autor relata que a atividade física adequada é benéfica e até necessária para uma maturação saudável. O que se deve atentar é para que não ocorra uma prática abusiva, pois na infância e adolescência o organismo se encontra mais suscetível a lesões.

Fixx (1977) Diz que um programa de exercícios iniciado quando criança e continuado ao longo da vida podem trazer vários benefícios além do ganho de resistência e velocidade, como por exemplo uma maior longevidade, controle sobre a obesidade, aumentando a capacidade pulmonar e cardiovascular.

Zuhrt (1983) relata também a importância de se realizar exercícios físicos com as crianças, visando melhorar a capacidade de performance do corpo, reduzindo o cansaço, e estimulando positivamente o crescimento.

Rose Jr. (2002), pesquisas têm afirmado que as atividades motoras aos 7 anos de idade, são para as crianças, fontes de experiências prazerosas, nesta fase pode-se conseguir através

de atividades dirigidas e bem elaboradas bons resultados no desenvolvimento da coordenação e da velocidade. O mesmo autor completa dizendo que o desenvolvimento surge através de experiências e do ambiente, levando em conta a herança genética de cada um.

“O que não pode acontecer nas atividades oferecidas a crianças, é dar características de esporte de alto rendimento, utilizando escolha “peneira” excluindo alguns e super valorizando outros, com sessões exaustivas de treinamento, e cobranças em demasia de profissionais que objetivam a formação de atletas precocemente.”  
(ROSE JR., 2002)

O mesmo autor, completa dizendo que há necessidade de adotar atividades esportivas com embasamento científico e que leve em conta aspectos físicos, psicológicos, fisiológicos e pedagógicos, resgatando atividades e brincadeiras para auxiliar no desenvolvimento das habilidades básicas das crianças.

Segundo Rose (2002), vários autores afirmam que até os 12 anos de idade a criança deve vivenciar o maior número de experiências, e de forma lúdica forme uma base motora, para depois optar por uma modalidade específica para possíveis competições.

Frómeta & Takahashi (2004), é nesse período que se deve dar mais atenção ao trabalho de desenvolvimento das características cinemáticas de deslocamento, entendendo sempre que o tempo e o ritmo são partes inseparáveis para um bom desenvolvimento da coordenação e aquisição da velocidade.

Segundo Duarte & Lima (2003), a atividade física é muito importante para se obter uma boa qualidade de vida, levando desde a melhora das capacidades físicas até uma melhor interação nas relações sociais.

Levando em conta a pessoa com deficiência visual, na grande maioria das vezes elas são excluídas e privadas da prática de atividades físicas, hora tendo estimulação inadequada, hora não tendo nenhum tipo de estímulos, sabendo destas dificuldades e os problemas futuros que isto poderá ocasionar, é que devemos quanto profissionais da área de Educação Motora

oferecer condições para que sejam oferecidos estímulos e experiências adequadas às crianças, tendo elas necessidades especiais, ou não.

#### **4. COORDENAÇÃO E MOVIMENTO DE CORRIDA**

Rose Jr. (2002), explica que o andar e a corrida são movimentos locomotores, e que o desenvolvimento motor é um processo seqüencial, sendo que até os 7 anos de idade aproximadamente, o desenvolvimento motor da criança se caracteriza pela prática e a diversificação de experiências das habilidades básicas, que serão posteriormente combinadas para a formação de um movimento mais complexo. Portanto é a partir dos 11, 12 anos de idade após vivenciar e adquirir todas as habilidades básicas, que a criança estará apta a receber informações e praticar exercícios com fundamentos específicos do esporte.

Samulski (1999), explica que a fase dos movimentos especializados se inicia a partir dos sete anos e segue durante a vida adulta, no entanto a base do desenvolvimento motor é trabalhado antes dos 7 anos, na fase seguinte os movimentos são refinados e combinados, esta fase corresponde aos 7 e 10 anos. Após os 11 anos de idade as experiências motoras adquiridas permitem realizar a aprendizagem e a aplicação em uma modalidade específica, como danças, atividades recreativas e modalidades esportivas, a terceira fase completa o desenvolvimento, aperfeiçoando as habilidades motoras, aumentando a possibilidade de participar de modalidades específicas e competitivas, esta fase se inicia após os 14 anos e segue até a vida adulta.

McClenaghan e Gallahue (*apud*, Samulski, 1999) descrevem a corrida como um movimento importante, e base para a formação de outros movimentos fundamentais que devem ser adquiridos até os 7 anos, como o salto, arremesso, receber e o chutar. No estágio inicial da corrida as pernas se movimentam rígidas, dificultando a percepção do momento em que o pé não está em contato com o solo, os braços balançam rigidamente, com um pequeno grau de flexão de cotovelo. Na etapa seguinte, a elementar, que é a segunda fase do movimento fundamental, o passo se alarga, ocorre um aumento de velocidade, os braços se

elevam mais, porém ainda com uma deficiência no movimento. Na última fase, estágio maduro, os movimentos de pernas estão mais amplos, se elevando e permanecendo suspensas por um período maior.

Magil (1984) afirma que o movimento é a base do domínio motor, às vezes mencionado como domínio psicomotor, por existir um envolvimento de um componente cognitivo ou mental na grande maioria das habilidades motoras.

Holle (1976) relata que um movimento bem coordenado exige uma estreita relação entre as funções musculares e sensoriais, o movimento passa a ser fácil e proposital, a partir de que as contrações musculares forem realizadas com a força necessária no movimento certo, durante o período de tempo necessário.

O mesmo autor, afirma que a coordenação não é inata, mas se desenvolve concomitantemente com a maturação do sistema nervoso central, sendo auxiliada pelo sentido sinestésico, assim como pelos sentidos do tato e da visão, então coordenação é sinônimo de automatização de tipos particulares de padrões de movimento, e o movimento irá tornar-se corretamente coordenado, com a prática e a repetição do mesmo movimento, por isso, cada novo conceito precisa ser aprendido e em seguida repetido tantas vezes forem necessárias até se tornar automático.

Magill (1984), explica que quando a criança aprende uma habilidade motora pela primeira vez, a atenção estará voltada a alguns movimentos de perna ou de braço, que no futuro, após várias repetições do mesmo movimento, alguns movimentos irão se tornar mecanizados, automáticos, utilizando a atenção para outros detalhes. Estas situações exemplificam fases que ocorrem durante o processo de aprendizagem de uma habilidade motora. À medida que a prática continua sob condições adequadas, certas modificações ocorrem no aprendiz, essas modificações podem ser observadas no tocante ao que o aprendiz pensa, ou no que ele se concentra durante o desempenho da habilidade.

crianças com visão “normal” como em crianças com deficiência visual , por consequência das dificuldades encontradas para praticar certas atividades, é sem dúvida o aproveitamento do período correto dos estímulos aplicados.

## **5-TREINAMENTO DAS HABILIDADES MOTORAS E DA VELOCIDADE EM CRIANÇAS**

Rose Jr. (2002), relata que o esporte vem ocupando um espaço cada vez maior na vida das pessoas, principalmente das crianças, por influência da mídia, por pressão dos pais, e a esperança de obter sucesso fazem com que as crianças iniciem os treinamentos cada vez mais cedo.

Fernandes (1979), explica que a velocidade é conhecida como a capacidade de realizar um movimento ou de correr uma determinada distância no menor tempo possível, e que possui característica neuromuscular, sendo assim, sua coordenação na ação motora depende da mobilização dos processos nervosos.

Segundo o Caderno Técnico-Didático de atletismo do MEC, as variantes de velocidade devem ser trabalhadas em conjunto, trabalhando a velocidade de reação, que é a capacidade de reagir a um estímulo o mais rápido possível, podendo ser ótico, acústico e tátil, a velocidade acíclica, que é um contínuo movimento de aceleração, e nunca um movimento uniforme, e a velocidade cíclica, onde temos movimentos com repetições precisas.

Fernandes (1981) cita a velocidade com 3 divisões, velocidade de reação, velocidade de deslocamento, e velocidade de membros.

- VELOCIDADE DE REAÇÃO, que já citamos anteriormente;
- VELOCIDADE DE MEMBROS, que é a máxima capacidade de se movimentar com rapidez os braços e pernas, e esta sempre relacionada com a agilidade do sistema neuromuscular;

- VELOCIDADE DE DESLOCAMENTO, que é a rapidez em que são realizados os movimentos acíclicos.

Segundo Weineck (1989), o treinamento infantil e juvenil necessita de alguns conhecimentos básicos relacionados a cada idade, realizando um treino em que consiga suprir as necessidades, respeitando as particularidades de idade e nível de desenvolvimento de cada criança e explica que na idade pré-escolar é a idade em que se deve aprender o maior número de habilidades motoras, pois a boa capacidade de aprendizagem motora dará uma base de formação geral para um treinamento com técnicas específicas no futuro.

Bouch (1992) afirma que ao iniciar treinos ou atividades físicas com crianças, o adulto deve alertar certos movimentos em que sua realização esteja de forma incorreta, fazendo com que a criança fixe sua atenção sobre certos problemas, ajudando-a a fazer um ajustamento na coordenação.

A idade pré-escolar envolve crianças de 3 a 6/7 anos, sendo qualificada como a idade de ouro da infância, essa idade está caracterizada pelo instinto lúdico. As crianças nessa fase necessitam de possibilidades motoras suficientes e viáveis que solicitem a imaginação, unindo com o movimento de correr, saltar, arremessar, girar, empurrar, assim como outras formas de movimento. (WEINECK, 1989).

Segundo o mesmo autor: Na idade escolar que vai de 6/7 anos a 10 anos de idade, é identificada como uma fase favorável para a aquisição do repertório dos movimentos e a melhoria das capacidades de coordenação. As bases deverão ser exploradas para ser ensinado um grande número de técnicas, com coordenação grosseira, para refiná-las em seguida.

Gallahue e Osmun (*apud* Samulski, 1999) completam dizendo que dos 2 aos 7 anos de idade, as crianças passam a desenvolver outros tipos de movimentos naturais, porém mais organizados e complexos, esta etapa do desenvolvimento é denominada, fase dos movimentos fundamentais, sendo que dividida em 3 estágios: inicial, elementar e maduro.

Segundo Gallahue e Ozmun (2003), nesta fase a criança entra em um estágio de habilidades motoras transitório, e através de combinações de movimentos tornam os movimentos fundamentais em movimentos de habilidades especializadas.

Nesta fase a capacidade já muito bem desenvolvida de aprender rápido, contrasta com a facilidade de um determinado movimento já aprendido entrar em esquecimento.

Já na segunda fase escolar que começa por volta dos 10 anos, é qualificado como a melhor idade de aprendizagem (aprende-se na hora). Esse estágio ocupa uma posição – chave para a capacidade motora posterior, pois nessa idade existe uma necessidade de movimento, portanto a excelente fase de aprender deve ser utilizada com o objetivo de aprendizagem de movimentos precisos, para que não ocorra uma otimização de movimentos aprendidos erradamente, a fim de poupar uma reaprendizagem mais tarde. (WEINECK, 1989).

O mesmo autor, afirma que a criança não é uma miniatura do adulto, então o treinamento da criança ou do adolescente não deve ser uma redução do treinamento do adulto, pois toda fase etária tem suas especificidades e suas particularidades de movimento, a fase pré-puberdade visa principalmente a melhoria das capacidades de coordenação e a expansão dos movimentos.

Weineck (1989), explica que o perfil definitivo das bases biológico da velocidade é estabelecido muito cedo, e o que não é desenvolvido em tempo útil, não pode ser recuperado depois, confirmando assim a importância de se iniciar um trabalho precocemente.

O mesmo autor considera que o aperfeiçoamento do movimento de corrida pode ocorrer dos 5 aos 7 anos, pois é o período onde ocorre um aumento extraordinário da velocidade, no entanto recomenda-se que nesse período sejam estimulados e oferecidos vários exercícios de velocidade, para que no momento seguinte, já na fase de pubescência que vai dos 13 aos 15 anos, possa ter seu ponto máximo situado através do aumento da capacidade anaeróbia e elevação de testosterona nos meninos, que influenciará em ganhos importantes em

velocidade, além disso ao contrário das idades anteriores, poderá ser recorrido a meios de treinamentos anaeróbios específicos a esta faixa etária.

Frométa & Takahashi, relata que é importante que os exercícios para o desenvolvimento de coordenação e do ritmo nas crianças, sejam realizados através de jogos, brincadeiras lúdicas e jogos pré-esportivos com modificações (adaptações). As crianças aprendem muito através dos jogos e brincadeiras e também são fortemente motivadas pelas atividades lúdicas.

O mesmo autor fala que na infância a idéia não é de automatizar certos grupos de exercícios, mas conduzir através das vivências motoras a multilateralidade das ações básicas.

Ao se tratar do desenvolvimento das habilidades motoras e do ganho de velocidade em crianças deficientes visuais Holle (1976), explica que a diferença começa no movimento da marcha ao caminhar. No que se refere à criança “normal”, o processo do primeiro passo, até que se possa caminhar de forma correta com movimentos equilibrados, movimentos de braços com o balanço natural, com rotação de coluna vertebral, boa articulação dos pés, apoiando inicialmente o calcanhar sobre o solo, conduzindo o peso do corpo para a perna e “rolando” para frente, sobre o pé, de tal forma que os dedos sejam os últimos a tocar e deixar o chão, leva-se 3 anos.

No início do processo, a criança se curva ligeiramente para frente e move instintivamente a perna para diante, por ainda não ter controle do movimento faz isso tão depressa que quase “corre”, acaba caindo ou se chocando com algo. Isto ocorre, pois o movimento mais lento exige mais equilíbrio.

Com a melhora do equilíbrio, o movimento permite tempo suficiente para estender completamente o quadril em cada passo, o que ajudará para que ocorra uma corrida natural. (ROLLE, 1976)

Segundo o mesmo autor, o salto é um pré-requisito para correr, pois a corrida nada mais é que saltar para frente, em uma corrida mais rápida os passos se tornam mais longos e a

frequência das pernas se tornam mais velozes, um dos pré-requisitos para se correr é a flexibilidade de tornozelo, joelho e quadril, uma vez que se deve colocar uma perna frente ao mesmo tempo em que a outra está sendo estendida para trás. Ao correr o corpo sobe ao ar por um momento e ambos os pés saem do chão ao mesmo tempo, no entanto é necessário à força muscular, principalmente nas coxas e nas panturrilhas. A corrida deve ser flexível, e o calcanhar deve tocar o solo por um momento durante cada impulso, somente a corrida de velocidade que se utiliza o movimento sem o contato do calcanhar no solo, utilizando-se mais da ponta do pé.

Holle (1976), explica que o ritmo pode ajudar o treinamento da coordenação da corrida, pois o movimento possui um ritmo, e as instruções para o treinamento da corrida podem ser complementadas por sons, no entanto, entende-se com base na literatura de Holle (1976), que se existe a importância do ritmo para o desenvolvimento motor de pessoas “normais”, ao se tratar do desenvolvimento motor de crianças deficientes visuais, a importância é muito mais relevante, pois com a falta da visão a necessidade de utilizar outro sentido sensorial como a audição aumenta e com isso a criança desenvolve concentração e amplia sua capacidade auditiva, facilitando a execução de movimento por comandos, minimizando os problemas causados pela falta da visão.

Segundo Holle (1976), o professor pode produzir padrões simples, que as crianças possam acompanhar enquanto se movimentam, com utilização de palmas, fala, ou som.

Como exemplo podemos citar uma corrida em que o aluno com deficiência visual irá se orientar pelas palmas do professor, podendo realizar outros movimentos como saltar, ao escutar o som de um apito.

## 6- O BRINCAR COMO FONTE DE DESENVOLVIMENTO

Holle (1976) afirma que a criança que se desenvolve normalmente, irá engatinhar andar e correr nos seus primeiros anos de vida, o que servirá de base para o desenvolvimento motor, salientando que cada novo movimento, cada nova habilidade, deve ser praticado antes de perfeitamente dominada.

Lorenzini (2002) fala que a evolução no processo educacional e as mudanças na economia, acarretaram no meio urbano uma forma diferente de vida, de forma que todo o atendimento à criança tem se tornado institucionalizado em escolas, creches etc. Contudo observa-se que a brincadeira de rua está deixando de existir, o que limita o acesso a experiências motoras, assim como cognitiva, social, afetiva e cultural.

A mesma autora, completa dizendo que não devemos dar conotação negativa ao acontecimento, mas sim entender que existe uma grande importância nas brincadeiras, e se hoje não acontece mais como a um tempo atrás, outras possibilidades devem ser criadas e oferecidas as crianças de acordo com o contexto atual, de forma que atenda as necessidades para um bom desenvolvimento global da criança.

“A aula de educação física deveria proporcionar situações unindo a prática e a experiência motora ao prazer. Brincando a criança apresenta uma evolução em termos motores, pois todo o trabalho deve ser orientado para explorar e vivenciar movimentos de acordo com sua faixa etária. Também brincando ela se aproxima de outras pessoas, professor, colegas e todos os que compõem o seu cotidiano, ampliando seu relacionamento social e definindo suas relações afetivas. Ainda brincando, a criança formula seu conhecimento, sua inteligência de acordo com descobertas que seu corpo realiza.” (SAMULSKI, 1999, pág. 166)

Segundo Teixeira e Sales de Figueiredo (1970), se conhecermos bem as crianças, se entendermos as necessidades físicas e sociais, nós como educadores físicos podemos conceber condições para que uma criança desenvolva seu repertório motor e cognitivo, através de jogos e brincadeiras recreativas.

Segundo Chateau (1987), para as crianças o jogo e a brincadeira são atividades sérias, e o faz de conta as estruturas ilusórias, o geometrismo infantil, e a euforia, tem grande importância no desenvolvimento.

O mesmo autor, fala que o jogo possibilita a percepção da criança, em seus aspectos motores, além de ser uma maneira de compreender certas atividades dos adultos.

Macedo (*apud* Lorenzini, 1991) fala que o jogo é uma necessidade infantil, e que tem uma finalidade educacional. A criança que brinca e que joga torna-se um adulto preparado, aprendendo a pensar para agir.

Segundo Lorenzini (2002), o movimento também é uma brincadeira e o ser humano desenvolve desde o nascimento e continua se desenvolvendo ao longo da vida através de experiências vividas. Assim a brincadeira é um instrumento que fornece a criança à experiência necessária ao seu desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo e cultural.

A mesma autora fala que o brincar faz parte do processo natural de desenvolvimento, pois é com a brincadeira que ela descobre suas mãos, seus pés e aprende a utilizá-los, assim como aprende a explorar todas as partes do seu corpo.

“Toda criança gosta de brincar. A brincadeira desempenha um papel importante no seu desenvolvimento. A criança cega ou de visão reduzida não é diferente. Ela gosta e tem necessidade de brincar.” (MENESCAL, 1994, pág. 92)

Bouch (1992) relata que no estágio escolar a primeira prioridade constitui a atividade motora lúdica, permitindo a criança prosseguir a organização de sua “imagem do corpo” e vivenciar o movimento de forma variada.

“A infância é, portanto, a aprendizagem necessária à idade adulta. Estudar na infância somente o crescimento, o desenvolvimento das funções, sem considerar o brincar, seria negligenciar esse impulso irresistível pelo qual a criança modela sua própria estátua.” (CHATEAU, 1987, pág. 14)

Holle (1976) explica que até os 2 anos, as “brincadeiras” consistirão principalmente do desenvolvimento sensitivo-motor, quando a criança tem de 2 a 3 anos as brincadeiras ainda são individuais, ainda que, utilizando o mesmo espaço uma ao lado da outra, apreciando a companhia do outro, após os 3 anos, iniciam-se as brincadeiras imitativas, que gradualmente tornam-se mais construtivas, aos 4 anos a criança passa a se envolver mais com as outras crianças, aos 5 anos a brincadeira em grupo se torna mais freqüente, e somente aos 7 anos que a criança é capaz de enfrentar os problemas sociais envolvidos nas brincadeiras com outras crianças.

Ao se falar em crianças de 3 a 7 anos, Bouch (1992) relata que a experiência da criança através de jogos, não deve ser desvalorizada pelo adulto, e que não se deve tornar um jogo ou uma brincadeira em uma atividade regressiva, buscando sempre o desenvolvimento.

Freire (2002) nos fala em uma de suas obras, que o jogo é movido pela satisfação, em sua prática a criança transborda energia, e através de momentos agradáveis consegue-se um desenvolvimento harmonioso.

## 5. CONCLUSÕES

Após realizar um estudo bibliográfico com objetivo de pesquisar a importância e o período correto de se iniciar um trabalho que venha proporcionar através de jogos e brincadeiras lúdicas, um melhor desenvolvimento de coordenação com ganho significativo na velocidade em crianças com deficiência visual, observamos que a atividade física proporciona benefícios no âmbito geral, mas o que nos chama mais atenção é o objetivo de nosso estudo e a relevância de se iniciar uma série de atividades no período de 5 a 10 anos que proporcionem condições para que a criança com deficiência visual desenvolva de forma satisfatória seu repertório motor e consiga através das brincadeiras adquirir uma boa condição de velocidade, velocidade esta que Weineck (1989), já citado anteriormente, nos explica que é estabelecido muito cedo, e o que não é desenvolvido em tempo útil, ou seja, 5 a 7 anos, para este autor, no caso da velocidade, não pode ser recuperado depois.

É nesse período que ocorre um aumento extraordinário de velocidade, quando falamos de pessoas com deficiência visual devemos mais ainda perceber a importância de se iniciar um trabalho para melhorar a coordenação e a velocidade no tempo correto, objetivando minimizar sua defasagem motora no futuro. Gostaria de enfatizar que esta iniciação, por ser com crianças, tem o caráter lúdico e todo objetivo deve ser alcançado através de brincadeiras recreativas, respeitando a seqüência de desenvolvimento.

Não podemos confundir e buscar o objetivo através de treinamentos, utilizando uma “especialização precoce” e transformar uma atividade agradável para a criança em uma atividade para adultos.

O que acontece atualmente além da especialização precoce, e que é um desrespeito ao desenvolvimento natural da criança, é a busca pela disciplinação na formação das mesmas

podendo transformá-las em pequenos adultos, seus movimentos passam a ser limitados e em consequência suas experiências também.

Ao contrário da especialização e da disciplinação, vem a estimulação precoce, que objetiva fornecer experiências para um bom desenvolvimento, respeitando as fases motoras e os limites de cada um.

Uma proposta de trabalho que se encaixa bem com o propósito de estimulação para crianças é a aquisição de experiências e vivenciar movimentos através das atividades lúdicas.

Ao falarmos da importância do brincar, Lorenzini (1991) explica que o jogo sendo uma necessidade infantil, e que além de prazerosa traz benefícios educacionais para as crianças. Não devemos jamais descartar a sua utilização, para conseguirmos um bom desenvolvimento motor, o brincar faz parte do processo natural de desenvolvimento, pois é com a brincadeira que ela descobre suas mãos, seus pés e aprende a utilizá-los.

Com a criança deficiente visual, o que vem acontecendo é a falta de participação nas atividades, ora por superproteção dos familiares, ora por falta de conceito de profissionais que não sabem lidar com a situação de ter um aluno com necessidades especiais em sua turma de alunos "*normais*" a perceber estas dificuldades e vendo a necessidade de estimular o movimento em crianças com deficiência visual, foi utilizado um embasamento teórico, onde comprova que a melhor idade para adquirir a velocidade é dos 5 aos 10 anos em crianças "*com visão normal*".

Levando em conta a dificuldade que a criança deficiente visual tem para suprir suas defasagens motoras, mais do que nunca poderíamos utilizar atividades nessa faixa etária para minimizar problemas no desenvolvimento, e para utilizar a forma correta de estimulação, todas as atividades seriam lúdicas, com brincadeiras e jogos adaptados às crianças deficientes visuais.

Com isso, nós como educadores, iríamos proporcionar, não só condições para que a pessoa com deficiência visual participe de atividades e campeonatos esportivos, mas também iríamos oferecer subsídios para que essa pessoa se desenvolva enquanto cidadão e participe de forma mais ativa diante dos acontecimentos esportivos, sociais, e culturais.

## 6. DISCUSSÃO

Após realizar um estudo bibliográfico, e perceber o ganho de velocidade que crianças “com visão normal” com 5 a 10 anos podem obter, se realizado um trabalho nesse período, percebi certa importância de transpor estes estudos e aplicar de forma adaptada à criança com deficiência visual, entendendo que com a falta da visão, que é um meio facilitador para um bom desenvolvimento motor, a criança com deficiência visual acumula experiências diferenciadas de uma criança entendida como “normal”, gerando um atraso acumulativo podendo ocasionar graves problemas futuros, tanto no âmbito social quanto esportivo.

Verificando através deste estudo relevância sobre o assunto: Desenvolvimento Motor / Coordenação Motora / Velocidade / Crianças com deficiência visual, é possível entender a necessidade de se realizar um aprofundamento e que vise maior divulgação de mecanismos que propiciem maior interação entre tais conceitos, ou seja, ao desenvolvimento da corrida de velocidade em crianças, buscando aplicar o conhecimento teórico tal como o observado nesta pesquisa bibliográfica, em prática, elaborando e adaptando brincadeiras e jogos para crianças com deficiência visual de 5 a 10 anos e onde sejam oferecidos, através de atividades lúdicas, movimentos variados para um bom desenvolvimento da coordenação motora, e com isso aproveitarmos o período correto para um bom desenvolvimento da velocidade, assim como formas adequadas de aplicação de tais atividades.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. *Didático de Atletismo* - MEC Secretaria de Educação Física e Desporto – Caderno Técnico.
2. BOUCH, Lê *O desenvolvimento Psicomotor* – Porto Alegre/RS: Editora Porto Alegre Artes Médicas, 1992.
3. CHATEAU, Jean *O Jogo e a Criança* – São Paulo/SP: Editora Summus Editorial, 1987.
4. DAVID, L. G. & JOHN, C. O., *Desenvolvimento Motor em Bebês, Crianças, Adolescentes e Adultos* – São Paulo/SP: Editora Phorte, 2003.
5. DUARTE, Edison & LIMA, Sônia Maria Toyoshima *Atividade Física para Pessoas com Necessidades Especiais, Experiências e Intervenções Pedagógicas* – Rio de Janeiro/RJ: Editora Guanabara Koogan, 2003.
6. FERNANDES, L. José *O Treinamento Desportivo, Procedimentos Organização e Métodos* – São Paulo/SP - Editora Pedagógica e Universitária Ltda, 1981.
7. \_\_\_\_\_ *Atletismo Corridas* – São Paulo/SP: Editora Pedagógica e Universitária Ltda, 1979.
8. FIXX, F. James *Guia Completo de Corrida* – São Paulo/SP: Circuito do Livro S. A., 1977.
9. FREIRE, J. Batista *O Jogo Entre o Riso e o Choro* – Campinas/SP: Editora Autores Associados, 2002.
10. FREITAS, Patrícia Silvestre *Noções Sobre Educação Física e Esporte para Pessoas Portadoras de ... / Uma abordagem para Professores de 1º e 2º Graus* – Uberlândia/MG: Editora Breda, 1997.
11. FRÓMETA, Edgardo Romero & TAKAHASHI, Kiyoshi *Guia Metodológico de Exercícios em Atletismo, Formação Técnica e Treinamento* – Porto Alegre/RS: Editora Artmed, 2004.
12. HOLLE, Brita *Desenvolvimento Motor na Criança Normal e Retardada* – São Paulo/SP: Editora Manole Ltda, 1990.
13. THOMAS R. Jerry & NELSON K. Jack *Métodos de Pesquisa em Atividade Física* – Porto Alegre/RS: Editora Artmed 2002.
14. LOPES, Fernando Augusto – Barueri/SP: Editora Manole, 2004.

15. LORENZINI, V. Marlene *Brincando a Brincadeira com a Criança Deficiente, Novos Rumos Terapêuticos* – Barueri/SP: Editora Manole, 2002.
16. MAGILL, A Richard *Aprendizagem Motora, Conceitos e Aplicações* – São Paulo/SP: Editora Edgard Blucher Ltda, 1984.
17. MENESCAL, Antonio, PEDRINELLE, Verena J., *et al Educação Física e Desporto para Pessoas Portadoras de Deficiência* – Brasília/DF: Editora MEC, SESI-DN, 1994.
18. MENEZES, S. Kamila *Educação Física e Educação Infantil, Contribuições para a Professora de Criança* – Campinas/SP: TCC – UNICAMP, 2004
19. ROSE Jr. Dante *Esporte e Atividade Física na Infância e na Adolescência: uma abordagem multidisciplinar* – Porto Alegre/RS: Editora Artmed 2002.
20. SAMULSKI, Dietmar Martin *Novos Conceitos em Treinamento Esportivo* – Brasília/DF: CENESP-UFMG, Ministério do Esporte e Turismo, Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto, Publicações INDESP – Série Ciência do Esporte, 1999.
21. SAYÃO, Déborah Thomé, *O Cuidado na Educação Infantil, Uma Análise de Gênero* – Porto Alegre/RS: Revista Pátio Porto Alegre Ano 1, N.º 1, Abril/Julho, 2003.
22. TEIXEIRA, M. Soares & FIGUEIREDO, J. Sales *Recreação Para Todos* – São Paulo/SP: Editora Obelisco, 1970.
23. WEINECK Jurgen, *Manual de Treinamento Esportivo* – Barueri/SP: Editora Manole, 1989.
24. WINNICK, P. Joseph *Educação Física e Esportes Adaptados* - Tradução da 3ª Edição Original de .....
25. ZUHRT, Renate *Desenvolvimento Motor da Criança Deficiente* – Barueri/SP: Editora Manole Ltda., 1983.